
O acionamento de especialistas pelo telejornalismo brasileiro: o enquadramento do conhecimento técnico pelo Jornal Nacional¹

Danielly Bezerra²
Isaltina Mello Gomes³
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumo

O presente texto é parte de uma pesquisa de doutorado que se propõe a investigar a visibilidade da credencial científica e especializada no Jornal Nacional, cuja problematização enfoca de que maneira a figura de especialistas tem sido acionada por esse jornal. Como aporte teórico, além da discussão sobre a Sociedade do conhecimento, tem centralidade o conceito de Enquadramento (ou *Framing*), que também se configura no operador metodológico e analítico segundo Entman (1993), dando suporte à elaboração de categorizações das matérias, com edições selecionadas para análise segundo Amostragem por conveniência. O *corpus*, um conjunto de 27 edições do JN exibidas no mês de Dezembro de 2020, expôs como principais resultados uma presença significativa de especialistas da saúde, vinculados a universidades, nas pautas gerais, com destaque para a cobertura sobre a Covid-19.

Palavra-chave: Comunicação e Ciência; *Expertise*; Conhecimento; Telejornalismo; Credenciais.

Introdução

No decorrer do século XX até os dias atuais, o campo científico tem sido posicionado como uma dimensão de profunda relevância na sociedade, fomentando o estabelecimento de uma espécie de ‘indústria do conhecimento’. O espaço que a *expertise* adquiriu na vivência cotidiana está alinhado com a perspectiva de que o conhecimento é um elemento central nas decisões e justificativas de uma vida social contemporânea (Eyal, 2019).

O entendimento sobre a existência de uma ‘sociedade do conhecimento’ recebeu destaque nas últimas décadas. Nesse novo cenário, estava colocado um modelo renovado de sociedade caracterizada como científica, de formação acadêmica, voltada à prestação de serviços (em contraste com a sociedade industrial, voltada ao

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPE. Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE). E-mail: <daniellybdossantos@gmail.com>.

³ Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPE. Bolsista produtividade 1D CNPq. E-mail: <isaltina@gmail.com>.

conhecimento experimental, com forte presença dos setores industriais, produção manual e do clássico dilema posto em termos marxistas, do capital e do trabalho).

No momento da virada para os anos 2000, a economia global registrava a tendência de uma substituição da importância da produção de bens (produtos) pelo setor de serviços (mercados com negociação global de moedas, capitais e finanças). Também se notava a substituição, ou declínio, das carreiras menos qualificadas em detrimento daquelas com maior especialidade técnica e qualificação acadêmica. No âmbito corporativo, uma maior preocupação com a gestão do conhecimento em processos operacionais, internos.

No âmbito político, Krüger (2006) indica um impacto significativo uma vez que decisões políticas passaram a ser condicionadas por uma legitimação científica, conferindo maior confiança e importância à figura de conselheiros e especialistas. Outro fator parece ser o novo modelo econômico globalizado, que permite menos margem de manobra às decisões políticas e ao sistema político de modo geral. Há, também, um impacto determinante no âmbito da economia quando considerado este modelo da ‘sociedade do conhecimento’, uma vez que o conhecimento passa a ser o elemento de produção mais importante.

Retomando Krohn (2001, p. 16 apud Krüger, 2006, s/p), Krüger diz que, na ‘sociedade do conhecimento’, tanto a elaboração quanto o tratamento da incerteza se fazem ainda mais importantes, uma vez que há o desenvolvimento de mais conhecimento, mais aceleradamente. Esse modelo de sociedade passa a integrar processos que são intrínsecos do fazer científico tais como o imperativo do procedimento experimental e a projeção de discursos hipotéticos, fazendo com que, em certa medida, o fazer científico se torne referência para as práticas do dia a dia. A ‘sociedade do conhecimento’ é marcada pelas práticas experimentais, de inspiração científica propriamente dita, que produzem sempre mais conhecimento.

Nesse sentido, de um interesse por compreender como o conhecimento técnico e especializado tem sido valorizado nos espaços de projeção tal como na comunicação hegemônica, este texto se propõe a analisar um conjunto de 27 edições do Jornal Nacional (Rede Globo) exibidas no mês de Dezembro de 2020, ou seja, durante o primeiro ano da crise sanitária global de Covid-19. O objetivo deste recorte é analisar como especialistas e cientistas são inseridos na produção das matérias jornalísticas do

Jornal Nacional. A localização desse problema suscita o apoio do Enquadramento (ou *Framing*) como aporte teórico-metodológico quando da análise do *corpus*.

No contemporâneo, uma sociedade movida pelo Conhecimento

Na passagem do século XX para o século XXI, se estabeleceu o que é lembrado por Peter Burke (2016) como uma guinada epistemológica - no âmbito acadêmico e também no meio social, como uma espécie de renovação coletiva geral. Como lembra Burke, a era digital trouxe uma maior aceleração na consolidação da sociedade do conhecimento, com indícios de que o próprio sistema capitalista estava sendo reestruturado nessa virada de séculos.

Analizando o contexto alemão, o termo ‘sociedade do conhecimento’ está consolidado desde a década de 1990 por Nico Stehr, e também motivado pelo trabalho de Manuel Castells com a proposta ‘era da informação’. A ‘sociedade do conhecimento’ tem origem registrada nos anos 1960, advinda ou paralela à noção de ‘sociedade pós-industrial’. O sociólogo Peter F. Drucker já havia antecipado a existência de uma categoria social imaginada como ‘trabalhadores do conhecimento’ (1959) e uma posterior ‘sociedade do conhecimento’ (1969):

Esse tipo de sociedade é caracterizado por uma estrutura econômica e social na qual o conhecimento substituiu o trabalho, as matérias-primas e o capital como a fonte mais importante de produtividade, crescimento e desigualdades sociais.⁴
(Krüger, 2006, s/p)

Estava a se notar, naquele contexto, uma importância cada vez maior conferida à educação e à formação acadêmica, o que conduziu ou que ainda tem conduzido a uma elevação na formação geral da população. Em alguns contextos, as instituições de ensino superior modificaram gradualmente o seu perfil, saindo de instituições de elite para universidades de massa.

No âmbito da cultura, a visão de então ainda estava por compreender os efeitos das tecnologias e do acesso a elas na mudança de comportamento e na relação dos indivíduos com o conhecimento ali circulante. O debate ainda se centrava na

⁴ Do original, “Este tipo de sociedad está caracterizada por una estructura económica y social, en la que el conocimiento ha substituido al trabajo, a las materias primas y al capital como fuente más importante de la productividad, crecimiento y desigualdades sociales.” (Krüger, 2006, s/p)

globalização e nos seus efeitos gerais, mas sem a dimensão do que viria a se tornar o uso das redes com os futuros *smartphones*, conexão de internet sem fio, redes sociais digitais e as Inteligências Artificiais.

Em uma definição proposta para a ‘sociedade do conhecimento’, entende-se que não se trata especificamente do progresso tecnológico como objeto fundante, mas como um dos aspectos do todo, que permitiu a mudança social para a expansão da educação, por exemplo, onde o conhecimento é a base para o funcionamento de diversos setores e atividades numa dada sociedade.

Os fatores já citados como o tipo de bens produzidos (materiais ou intangíveis), a qualificação e competência técnica dos empregados ou mesmo a natureza do trabalho de determinadas organizações não constitui necessariamente a ‘sociedade do conhecimento’, mas o principal aspecto dessa determinação é a abertura para o questionamento de regras e normas, tendo a capacidade de inovação como um valor-chave desse novo modelo. O permanente questionamento de regras e verdades consolidadas socialmente é também uma marca, em que estruturas de regulação e decisão são refeitas nessa nova proposta, e a “oscilação acelerada entre desregulamentação e re-regulamentação” é um fator determinante da nova ‘sociedade do conhecimento’ (Krüger, 2006, s/p). Há, agora, um desgaste mais frequente das chamadas estruturas regulatórias da sociedade, com a permanente possibilidade de novas regras.

Embora pareça que todas as sociedades possam estar sujeitas a esse modelo - uma vez que todas elas seguem o curso da atualização corrente -, apenas a sociedade moderna diferenciada (com as bases no Renascimento italiano) chegou a desenvolver dinâmicas de fato transformadoras e que atravessaram o tempo, com modelos (ou subsistemas) propensos à mudança e à renovação, tais como a ciência e a tecnologia). Dito isso, conceber uma ‘sociedade do conhecimento’ significa constatar que a produção e a circulação do conhecimento ocupam posição estratégica e decisiva naquele contexto social, com clara identificação sobre como se organiza esse conhecimento em termos de estrutura.

A mudança nos padrões de relação entre empregadores e funcionários é marcante e inegável. Antes vista na sociedade industrial como estável e previsível, além de fortemente regulamentada, passa a ser substituída por formas alternativas e

flexibilizadas de contratos, tais como jornadas reduzidas, impactando funções qualificadas e não-qualificadas.

Nico Stehr (2000 apud Krüger, 2006, s/p), ao tratar do que define como processo de ‘cientificação’ de áreas ou setores que são essenciais à sociedade, reconhece uma série de tendências, dentre as quais estão: a substituição de outras formas de conhecimento pelo conhecimento científico; a tendência para a constituição da ciência como uma força produtiva direta; a transformação das estruturas de poder, com um debate específico sobre a tecnocracia; a transformação da base legitimadora do poder com vistas ao conhecimento especial (ou seja, poder especializado) (Krüger, 2006, s/p).

Anderé Gorz propõe a terminologia ‘capitalismo do conhecimento’ como melhor expressão desse momento, uma vez que se trataria de uma instrumentalização do conhecimento a partir do sistema capitalista, convertendo-o em capital imaterial e propriedade privada. Também a serviço desse mercado, o conhecimento passa a ser um ativo demandado pela sociedade como útil e indispensável na sociabilidade moderna, inclusive no que diz respeito ao movimento de consumo de informações de caráter técnico e qualificado para orientação sobre os fatos do mundo. Para o consumo mais imediato dessa mesma sociedade, a maneira como os representantes desse domínio técnico e especializado são retratados para a audiência tem a capacidade de produzir uma interpretação à parte sobre o que significa estar informado hoje.

O Jornalismo e o *Framing*

A prática jornalística é apontada por Saperas como a origem do processo de construção social da realidade através de processos como a institucionalização, a objetivação, tipificação e autolegitimação (Saperas, 1993).

Os jornalistas contribuem para a construção da realidade social através da sua prática profissional, destacando e enquadrando elementos de uma história, ocultando aspetos dissonantes, ignorando outros a partir de operações de percepção seletiva que constituem uma marca do profissionalismo da classe. (Gradim, 2016, p. 60)

Seguindo essa abordagem do jornalismo como construção social da realidade, a Teoria do Enquadramento, ou *Framing*, se constituiu como um conjunto teórico para pesquisas desenvolvidas no âmbito dos efeitos midiáticos (efeito dos *mass media* a

longo prazo), com a origem marcada no construtivismo social (Andrade; Teixeira, 2021). Esse modo de pensamento reforçou a intenção da teoria em investigar como os indivíduos estruturam a realidade em que vivem, concebendo que o ato de enquadrar uma dada mensagem ou situação significa elaborar um conjunto de sentido e significado que está situado para determinados interlocutores (Andrade; Teixeira, 2021).

Tendo em vista as interpretações divergentes existentes, o campo passou a compreender a existência de múltiplos *frames* - e, no caso específico da comunicação, a necessidade de compreender o impacto dos novos meios nesse processo. Para isso, nesse subcampo, o trabalho de Entman (1993, p. 56) buscou estabelecer o *framing* como um paradigma de pesquisa, com uma tipologia dupla de *frames*: de audiência e midiáticos.

No sentido de Entman, os *frames* não são apenas a materialização dos modelos ou dispositivos discursivos no discurso público, manifestados através dos suportes midiáticos, mas constituem as próprias estruturas mentais humanas que conduzem o processamento das informações pelos indivíduos - o que pode ser nomeado de '*frames* midiáticos' e '*frames* individuais' (Entman, 1993).

Essa leitura de frames midiáticos e individuais se relaciona com outro conjunto de interpretações que entendem os *frames* como variáveis ora dependentes, ora independentes. As visões dos frames midiáticos como variáveis dependentes aceitam a interferência dos elementos internos e externos que afetam a escolha e o processamento de informações, valores sociais, pressões e também os modos de produção do jornalismo (incluindo fatores de preferência político-ideológica dos jornalistas). Aqueles que enxergam os *frames* midiáticos enquanto variáveis independentes observam sua interferência na formação das opiniões e atitudes dos indivíduos, incidindo sobre os *frames* individuais, a partir de elementos específicos.

Robert Entman (1993) usa a expressão "paradigma fraturado" para se referir aos estudos de *framing*, uma vez que estão envolvidas distintas linhas originárias para o conceito. Essa 'fragmentação paradigmática', como denomina Gradim (2016), expõe o envolvimento das diversas áreas do conhecimento como a semiótica, a psicologia, a sociologia, e a retórica e análise do discurso, e reforça que, como um todo, não há um modelo universal geral a ser considerado por todos, e há uma certa dispersão nos significados atribuídos ao próprio conceito de *framing* (Gradim, 2016, p. 17).

Quando o Jornalismo ‘enquadra’ a *expertise*

Procedendo à etapa de análise, o mês de Dezembro de 2020 compreendeu a exibição de 27 edições do Jornal Nacional (JN) distribuídas em cinco semanas, com o mês (e, consequentemente, a recolha da amostra) sendo iniciada no dia 01, em uma terça-feira, e encerrada no dia 31, uma quinta-feira. Ressalte-se que a exibição do JN ocorre entre os dias de segunda-feira e sábado, no horário das 20h30 (horário de Brasília), na sequência da novela exibida às 19h na Rede Globo, e que o acesso às edições foi realizado a partir da plataforma de streaming ‘Globoplay’.

O tempo de duração das edições foi de 29 minutos a 1 hora e 3 minutos, com o padrão de exibição entre três e quatro blocos com intervalo preenchido por anúncios publicitários (mas que não são replicados no acervo disponibilizado na plataforma Globoplay). Ao todo, foram analisadas 23 horas, 22 minutos e 38 segundos do JN.

As tabelas 1 e 2 apresentam uma síntese da análise do material, com a indicação sobre a participação das fontes técnicas e científicas (em dados quantitativos) e alguns padrões identificados quando do intervalo (Dezembro de 2020).

Tabela 1: Síntese dos dados das 27 edições de Dezembro/2020

Total de reportagens	Total de especialidades técnicas presentes enquanto fontes	Quais editorias exibiram reportagens com as especialidades
107 reportagens que continham, ao menos, um Cientista, <i>Expert</i> / Especialista, Professor universitário ou Pesquisador	24, sendo 12 especificamente da grande área da Saúde ou Ciências Biológicas	14 editorias, com destaque para a editoria de ‘Saúde’ que responde por 64 das 107 reportagens totais do período, e seguida de ‘Meio Ambiente’ com 13 reportagens
Quantas universidades e instituições científicas	Fontes com espaço de fala na reportagem	
21 universidades citadas, sendo uma delas estrangeira	Os especialistas, cientistas e professores responderam por 168 entradas em vídeo com relato, depoimento ou parecer técnico sobre o tema da reportagem em questão	

Fonte: elaboração própria, 2025.

Tabela 2: Síntese do padrão identificado no acionamento das fontes

I. Parte das reportagens adota a dinâmica de “ping-pong”, com perguntas e respostas entre o jornalista e o médico, quando o tema se refere à Covid	
II. Durante o período da pandemia, as entrevistas e relatos em vídeos eram feitos por vídeo-chamada (ou videoconferência) quase na totalidade dos casos. Nessa dinâmica, o jornalista está sentado em uma sala, de frente para um monitor, usando um computador, e “assistindo” a um vídeo do especialista falando (ou conversando em tempo real). As exceções foram as reportagens com gravações <i>in loco</i> (externas feitas pelo próprio JN, com as fontes usando máscara).	
III. Encerramento da reportagem com a fala dos especialistas em 40 ocasiões do total de 107 reportagens que continham um cientista ou especialista como fonte.	IV. Os Geradores de Caracteres (ou ‘GCs’) não se repetem, mesmo quando se trata de convidados que já participaram em edição anterior, e há uma variação da descrição da credencial da fonte.
V. Nas reportagens de correspondentes da Rede Globo nos Estados Unidos e Reino Unido, por exemplo, as fontes especializadas/científicas estrangeiras não têm seus nomes e suas credenciais exibidas. Apenas o jornalista faz a menção, em geral acompanhada da tradução da fala quando há declarações diretas.	VI. Em termos gerais, não têm aparecido nas reportagens uma variedade de áreas de conhecimento sendo acionadas para falar sobre um mesmo tema - há apenas uma variedade de especialidade, de uma mesma área.

Fonte: elaboração própria, 2025.

Para análise do conjunto, o conceito do Enquadramento é uma abordagem que tem permitido entender como determinados temas têm feito parte da produção telejornalística do Jornal Nacional. O modo como o veículo optou por fazer a cobertura sobre os temas importantes da época - basicamente, aqueles que envolveram a pandemia de Covid-19 - é olhado, segundo a noção do *framing*, como indicativo do que o jornalismo do JN entendia como relevante para propor à opinião pública.

Como colocado por Bourdieu, o papel da televisão é naturalmente o de recortar e enquadrar, mostrando uma condição do real que é intencionalmente elaborado para sugerir uma interpretação - nesse caso, a interpretação pretendida pelo veículo, ao “ocultar mostrando”:

[...] como a televisão pode, paradoxalmente ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar, caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda

mostrando o que é preciso mostrar, mas (...) construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (Bourdieu, 1997, p. 24).

Retomando Entman e situando a pesquisa na observação dos ‘*framings* midiáticos’, o ato de *framing* representa o recorte consciente de determinados aspectos da realidade para salientar um modo de percepção da questão ou objeto que se observa e, mais além, que se pretende que seja observado por outros de uma maneira específica e planejada (Entman, 1993).

Considerações finais

É importante destacar o contexto complexo em que o Brasil esteve mergulhado durante a pandemia, com um cenário de disputa política entre o governo federal de então e o meio jornalístico, assim como as instituições científicas. Com a posição do governo Bolsonaro de questionamento das ações de combate ao Coronavírus, algumas medidas do Ministério da Saúde foram entendidas como contraproducentes, agravando a situação da pandemia no país.

Outra condição colocada pela pandemia no Brasil diz respeito a um certo desvelamento da Ciência como não-neutra perante a opinião pública, na medida em que não foi possível uma posição de imparcialidade diante das tomadas de decisão e recomendações necessárias para o combate ao vírus. Com o jornalismo houve o mesmo movimento, e parte das críticas dirigidas ao setor se referem à tomada de posição como um defeito a ser corrigido, imaginando-se que seria possível uma construção jornalística alheia a um posicionamento ideológico.

Em ambos os casos, o pretense ideário positivista de imparcialidade e objetividade ecoou diante da opinião pública, sobretudo para uma parcela da população que estava politicamente alinhada ao discurso bolsonarista. Ao menos no primeiro ano da pandemia, a síntese se traduz em uma disputa entre as narrativas oficiais do governo (de caráter negacionista) e a posição do JN como uma espécie de contra-força, inteiramente alinhado com o consenso e o discurso científico.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ambos do Brasil.

This study was financed in part by the Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) and Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, both from Brazil.

Referências

ANDRADE, Laura M.; TEIXEIRA, Juliana F. Agenda-Setting e Enquadramento: a mesma teoria? Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. 2021. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt8-tc/laura-moura-de-andrade.pdf>.

Acesso em: 30 janeiro 2025.

BURKE, Peter. **O que é história do conhecimento?** Tradução: Cláudia Freire. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2016.

ENTMAN, Robert. M. **Framing:** Toward Clarification of a Fractured Paradigm. Journal of Communication, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1 dez. 1993.

EYAL, Gil. **The Crisis of Expertise**. Boston, Estados Unidos: Editora Polity, 2019.

GRADIM, Anabela. **Framing, o enquadramento das notícias**. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 2016. 113 pp.

KRÜGER, Karsten. **El concepto de la ‘Sociedad del Conocimiento’**. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona*, Vol. XI, nº 683, 25 de septiembre de 2006. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-683.htm>>. Acesso em 3 março de 2025.

SAPERAS, Enric. **Os efeitos cognitivos da comunicação de massas**. Tradução: Fernando Trindade. Porto/PT: Edições ASA, 1993. 160 pp.